



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JANAYNE GABRIELLE ALVES MARTINS

**AS MARCAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO NAS MÚSICAS DO KUDURO:
UMA BUSCA DOS ANGOLANISMOS LEXICAIS DA LÍNGUA FALADA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

JANAYNE GABRIELLE ALVES MARTINS

**AS MARCAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO NAS MÚSICAS DO KUDURO:
UMA BUSCA DOS ANGOLANISMOS LEXICAIS DA LÍNGUA FALADA**

Monografia apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M343m

Martins, Janayne Gabrielle Alves.

As marcas do português angolano nas músicas do kuduro : uma busca dos angolanismos lexicais da língua falada / Janayne Gabrielle Alves Martins. - 2025. 52 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

1. Kuduro. 2. Língua portuguesa - Angola. 3. Variação léxico-semântica. 4. Variação linguística. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.09673

JANAYNE GABRIELLE ALVES MARTINS

**AS MARCAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO NAS MÚSICAS DO KUDURO:
UMA BUSCA DOS ANGOLANISMOS LEXICAIS DA LÍNGUA FALADA**

Monografia apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito para a conclusão de curso.

Data de aprovação: 02/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre António Timbane (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Nada El Ahib

Universidade Mohammed V em Rabat, Marrocos

Prof. Dr. Daniel Peres Sassuco

Universidade Agostinho Neto

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa a concretização de uma etapa crucial na minha formação acadêmica e profissional em Letras-Língua Portuguesa. Esse momento especial não teria sido possível sem o apoio, incentivo e dedicação de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho e para o meu crescimento pessoal e intelectual. Sinto-me profundamente grata a Deus e a todos que estiveram ao meu lado nessa jornada.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar meu sincero agradecimento à minha família, pelo amor incondicional, pela paciência e pelo suporte constante ao longo dos anos. Vocês foram a base que sustentou meus sonhos e me motivaram nas dificuldades, compreendendo minhas ausências e celebrando minhas conquistas com alegria. Cada palavra de incentivo e cada gesto de carinho foram fundamentais para que eu pudesse perseverar e alcançar este momento.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram com palavras, gestos ou atitudes para que este trabalho pudesse sair do papel e torna-se realidade. Cada apoio foi uma peça indispensável nesta construção e é com gratidão que reconheço o valor dessas contribuições. A todos, o meu muito obrigado.

RESUMO

A língua portuguesa não é falada da mesma forma em todos os espaços lusófonos. Ela perdeu a nacionalidade europeia e passou a pertencer em todos os espaços geográficos onde se fala. Nesses novos espaços recebeu o privilégio de ser língua oficial e passou a desempenhar funções importantes. Em Angola não foi e nem é diferente. Ela é língua de comunicação cotidiana (Art.19º da Constituição da República, 2010) e é muito falada especialmente nas zonas urbanas, na função pública, na mídia, no ensino, na religião e no atendimento dos cidadãos na função pública. As variações são motivadas pelas variáveis sociais e linguísticas. O presente trabalho visa analisar as variações léxico-semântico do português angolano nas letras de músicas de kuduro produzidas entre 2010 e 2024. O kuduro é um gênero musical popular de Angola que reflete a identidade cultural do país. A pesquisa busca identificar os elementos linguísticos e culturais que caracterizam a variedade angolana de português. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) mapear os principais termos e expressões léxico-semânticos nas letras de kuduro; (ii) investigar como as variações linguísticas refletem as identidades culturais, sociais e regionais em Angola; (iii) comparar as mudanças léxico-semânticas ao longo do período, identificando tendências e inovações e (iv) relacionar os elementos linguísticos às transformações sociais, econômicas e culturais do período. Se a língua varia e muda no tempo e no espaço, quais os traços léxico-semânticos presentes no português angolano que se manifestam na cultura local por meio da música? A relevância da pesquisa vai além do kuduro como fenômeno musical, pois suas letras espelham transformações sociais e culturais em Angola, refletindo a diversidade do português angolano. Para a metodologia nos propomos a analisar 20 músicas de estilo kuduro gravadas por cantores angolanos no período 2010-2024 focando na identificação de angolanismos léxico-semânticos. Da pesquisa se concluiu que os processos neológicos estão presentes incluindo os processos e empréstimos e estrangeirismos. A música carrega uma identidade angolana que se caracteriza pelo uso de termos próprios da realidade local. O kuduro é um veículo de expressão cultural é um reflexo das transformações sociais angolanas.

Palavras-chave: kuduro; língua portuguesa – Angola; variação léxico-semântica; variação linguística.

ABSTRACT

The Portuguese language is not spoken in the same way in all Lusophone areas. It lost its European nationality and came to belong to all geographical spaces where it is spoken. In these new spaces, it received the privilege of being an official language and began to play important roles. In Angola, it was and is no different. It is the language of everyday communication (Article 19 of the Constitution of the Republic, 2010) and is heavily spoken, especially in urban areas, in the public sector, in the media, in education, in religion, and in citizen services within the public sector. The variations are driven by social and linguistic variables. This paper aims to analyze the lexical-semantic variations of Angolan Portuguese in the lyrics of kuduro songs produced between 2010 and 2024. Kuduro is a popular musical genre from Angola that reflects the country's cultural identity. The research seeks to identify the linguistic and cultural elements that characterize the Angolan variety of Portuguese. To this end, the following specific objectives were established: (i) to map the main lexico-semantic terms and expressions in kuduro lyrics; (ii) to investigate how linguistic variations reflect cultural, social and regional identities in Angola; (iii) to compare lexico-semantic changes throughout the period, identifying trends and innovations; and (iv) to relate linguistic elements to the social, economic and cultural transformations of the period. If language varies and changes over time and space, what lexico-semantic features are present in Angolan Portuguese that manifest in the local culture through music? The relevance of this research goes beyond kuduro as a musical phenomenon, as its lyrics mirror social and cultural transformations in Angola, reflecting the diversity of Angolan Portuguese. For the methodology, we propose to analyze 20 kuduro-style songs recorded by Angolan singers between 2010 and 2024, focusing on the identification of lexico-semantic Angolanisms. The research concluded that neological processes are present, including loanwords and foreign words. The music carries an Angolan identity characterized by the use of terms specific to the local reality. Kuduro is a vehicle of cultural expression and a reflection of Angolan social transformations.

Keywords: kuduro; Portuguese language – Angola; lexical-semantic variation; linguistic variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Empréstimos no Português Angolano	21
Quadro 2	Kibexa (Noite & Dia)	27
Quadro 3	Regra do Jogo (Mano Chaba)	28
Quadro 4	Minha Profissão (Rey Loy)	29
Quadro 5	Comboio 2 (Bruno King e Negrelha.....)	31
Quadro 6	Tchubila (Bruno M)	32
Quadro 7	Arroz com feijão (Elenco da paz)	33
Quadro 8	1 para 2 (Bruno M)	34
Quadro 9	É tudo boca (Samara Panamera)	35
Quadro 10	Amarra o seu cão (Própria Lixa, Fofando, Noite & dia.)	36
Quadro 11	Militar (Mobbers, part. Nagrelha)	36
Quadro 12	Castigo (Bruno de Carvalho)	37
Quadro 13	Abre o livro (Noite & Dia)	39
Quadro 14	Vibraté (Jéssica Pitbull)	40
Quadro 15	Angola bwé de caras (Dog Murras)	42
Quadro 16	Na boca 1000 (Titica, part. Agre G)	42
Quadro 17	Não é peso é meu irmão (Delero King)	44
Quadro 18	Tic taa (Nerú Americano, part. Será Que Cuia)	44
Quadro 19	Cossa (Preto Show, part. Godzilla do Game e Dj Barata)	45
Quadro 20	Sabaló (Própria Lixa)	46
Quadro 21	Agora acredita no maluco? (Príncipe Ouro Negro)	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA DE UM POVO	13
3	A CRIATIVIDADE LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: O CASO DO PORTUGUÊS ANGOLANO	15
3.1	O LÉXICO E O VOCABULÁRIO DE UMA VARIEDADE	18
3.2	MARCAS LEXICAIS DO PORTUGUÊS E SUAS INFLUÊNCIAS	20
3.3	O KUDURO EM ANGOLA E NO BRASIL: SIMILARIDADE E MARCAS LEXICAIS	22
4	METODOLOGIA	25
5	ANÁLISE DE DADOS	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A língua desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural de um povo, sendo ao mesmo tempo um reflexo e um instrumento de transformação social. No contexto angolano, o português, como língua oficial e de ampla circulação, assume características singulares devido à influência das línguas nacionais e das dinâmicas sociais, culturais e históricas do país. Essa singularidade é notável em diversos campos, incluindo a música, que serve como uma plataforma de expressão cultural e linguística.

O kuduro, gênero musical de grande relevância em Angola, não é apenas uma manifestação artística, mas também um espaço de criação e recriação linguística e cultural. As letras de música de kuduro, especialmente no período de 2010 a 2024, refletem a mudança cultural, o surgimento de novas danças para além do uso da variação léxico-semântica do português angolano, evidenciando inovações, adaptações e ressignificação que dialogam com as transformações sociais e culturais do país.

Este trabalho busca investigar essas variações léxico-semânticas no português angolano presente nas músicas de kuduro, explorando como o idioma se transforma nesse contexto e quais são os fatores que influenciam essas mudanças. A análise tem como pano de fundo a Constituição da República de Angola (2010), que reforça a valorização da diversidade cultural e linguística do país, e o debate sobre o preconceito linguístico, conforme abordado por Bagno (2009), que destaca a importância de combater hierarquias e estigmas associados às variações linguísticas.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as variações léxico-semânticas do português angolano nas letras de música de kuduro, produzidas entre 2010 e 2024. Através dessa análise, busca-se identificar os elementos linguísticos e culturais que caracterizam a manifestação do português angolano nesse gênero musical vibrante e expressivo. O kuduro, que emergiu como uma importante forma de expressão cultural em Angola, serve não apenas como um meio de entretenimento, mas também como um reflexo das transformações sociais e linguísticas que permeiam o país.

Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos alguns objetivos específicos: Mapear os principais termos e expressões léxico-semânticas presentes nas letras de músicas de kuduro do período em análise; Investigar como as variações linguísticas refletem as identidades culturais, sociais e regionais em Angola; Comparar as mudanças léxico-semânticas nas letras ao longo do período de 2010 a 2024, identificando tendências, inovações e permanências;

Relacionar os elementos linguísticos observados com as transformações sociais, econômicas e culturais do período em estudo.

A pesquisa também propõe três hipóteses. A primeira sugere que a música kuduro serve como um meio vital para a preservação e evolução do português angolano, integrando um léxico único e vernáculo. A segunda hipótese aponta que o uso de angolanismos nas letras de kuduro reflete uma dinâmica sociolinguística mais ampla dentro da cultura jovem angolana, influenciando a evolução da língua. Por fim, a terceira hipótese propõe que a análise da música kuduro ilustra o impacto da urbanização nas expressões linguísticas, destacando mudanças nos dialetos locais e no uso da língua.

Além disso, a pesquisa busca responder a três problemas centrais: quais são os principais angolanismos lexicais presentes nas letras das músicas de kuduro e como eles refletem a cultura angolana? De que forma a musicalidade do kuduro contribui para a disseminação dos angolanismos lexicais entre os jovens? E, por último, como a evolução do kuduro ao longo dos anos reflete mudanças na linguagem e na sociedade? A partir dessas questões, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda da intersecção entre linguagem, cultura e identidade em Angola.

A relevância deste estudo reside na necessidade de valorizar e compreender as dinâmicas linguísticas do português angolano, que, embora seja a língua oficial, convive com uma rica diversidade de línguas nacionais. A Constituição da República de Angola (2010) reconhece a importância da pluralidade cultural e linguística, sublinhando o papel das línguas nacionais como patrimônios culturais e instrumentos de identidade. Nesse sentido, o estudo do português angolano, especialmente em contextos artísticos como o kuduro, contribui para fortalecer o entendimento sobre a coexistência linguística no país.

Portanto, o trabalho busca contribuir para o combate ao preconceito linguístico, tema abordado por Bagno (2009), que discute as formas como as variações linguísticas são frequentemente estigmatizadas em sociedades marcadas por uma visão normativa da língua. Ao investigar as particularidades léxico-semântico do português angolano nas músicas de kuduro, o presente estudo promove a valorização dessa variação como expressão legítima e criativa de identidade angolana, rompendo com estereótipos e preconceitos que podem marginalizar essas manifestações culturais.

Além da seleção criteriosa das fontes, a leitura analítica dos textos foi orientada pela identificação de categorias temáticas que dialogam com os objetivos da pesquisa, tais como o conceito de léxico e vocabulário, o papel das línguas nacionais na constituição do português angolano, os processos de empréstimos e formação de neologismos, e a influência da música

enquanto instrumento de difusão linguística. Dessa forma, a pesquisa enriquece os estudos sobre a língua portuguesa em Angola e contribui para uma reflexão mais ampla sobre a relação entre língua, cultura e identidade em contextos multilíngues.

2 A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA DE UM POVO

O ser humano, imerso na cultura, é dinâmico, construindo e modificando seu ambiente constantemente. Esse processo é impulsionado pela linguagem, seja ela informal ou formal, mitológica ou científica, artística ou técnica, religiosa ou cética. Ele busca compreender e ser compreendido, aspirando ser reconhecido (Hacking, 1999, p. 48), tanto individualmente quanto coletivamente.

A música exemplifica essa diversidade linguística e expressiva dentro dos diversos domínios do conhecimento e das artes. Cultura, conforme Tylor (1871, p. 1), “abrange todo um complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras habilidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade”. Portanto, a música é uma manifestação cultural que representa o modo de vida, comportamento e cotidiano de um povo, refletindo também a natureza e buscando conexões com o divino e o sagrado (Loureiro, 2009, p. 80). Com essa perspectiva e considerando todas as suas particularidades, a música, enquanto expressão artística e elemento fundamental na construção histórica e cultural da humanidade, serve como base para apresentar a riqueza da diversidade cultural e a abordagem interdisciplinar da obra *Fragmentos de Cultura*, estruturada em três partes. (Silva, 2018)

Ao abordar as culturas populares manifestadas em festas, crenças, costumes e tradições, bem como nos saberes que compõem o patrimônio cultural brasileiro — expressos na gastronomia, nas danças folclóricas, nos ritos e celebrações —, buscamos ressaltar que todo espaço carrega um significado próprio, conferindo-lhe singularidade e identidade. Esse sentido de pertencimento, ou melhor, de identidades múltiplas, emerge da convivência e do diálogo entre diferentes expressões culturais em um mesmo ambiente. As práticas cotidianas das comunidades fortalecem as referências culturais, e, por meio das festividades no Brasil, preservam-se saberes peculiares que atravessam gerações, materializando-se em elementos como a culinária, o artesanato, a música, a dança e outras manifestações culturais próprias de cada grupo ou região (Cruz; Menezes; Pinto, 2008).

É fundamental destacar que as festividades culturais representam elementos essenciais do patrimônio etnográfico da história e das tradições de diferentes povos, independentemente de classe social ou contexto. No Brasil, a fusão de influências africanas, indígenas e europeias deu origem a uma base cultural compartilhada em todo o território, na qual se consolidaram práticas religiosas e sociais que moldam a identidade nacional. (Cruz; Menezes; Pinto, 2008)

A música é um dos principais modelos do pensamento humano e parte fundamental da estrutura da vida em sociedade. A prática musical representa uma forma singular de interação social, podendo influenciar e transformar outras dinâmicas sociais. Mais do que um reflexo da cultura, a música também a impulsiona, sendo ao mesmo tempo uma expressão cultural e uma habilidade inerente ao ser humano. Cabe à musicologia investigar como as pessoas atribuem significado à música em diferentes contextos e situações sociais, diferenciando as aptidões naturais dos indivíduos das normas culturais que orientam suas práticas. (Blacking, 2007)

Esse processo começou a passar por transformações com a invenção do fonógrafo e do gravador, permitindo a captação e preservação sonora. A partir disso, a descoberta e o estudo de sistemas musicais de diversas culturas ganharam espaço, revelando estruturas tonais que, se analisadas sob a ótica da tradição musical europeia erudita, podem ser equivocadamente interpretadas. (Blacking, 2007). Essa percepção já havia sido destacada em 1885 pelo físico e foneticista britânico Alexander John Ellis, que, ao medir as escalas musicais de diferentes sociedades, chegou a uma conclusão significativa:

A revolução nesse campo teve início com a criação do fonógrafo e do gravador, permitindo o registro sonoro e impulsionando a investigação de sistemas musicais ao redor do mundo. Muitos desses sistemas seguem princípios próprios de organização tonal, que podem ser interpretados de forma equivocada quando avaliados a partir dos critérios da tradição musical erudita europeia. Essa questão já havia sido identificada em 1885 pelo físico e foneticista britânico Alexander John Ellis, que, ao analisar e medir as escalas musicais de diversas culturas, chegou a uma importante conclusão: “A escala musical não é única, natural, nem fundada necessariamente sobre as leis da constituição do som musical, como tão bem formulado por Helm Holtz, mas muito diversa, muito artificial e muito caprichosa” (Ellis, 1885, p. 526).

3 A CRIATIVIDADE LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: O CASO DO PORTUGUÊS ANGOLANO

O português é a única língua oficial em Angola, apesar da coexistência de mais de vinte idiomas pertencentes aos grupos bantu e khoisan, além de diversas línguas de origem europeia e asiática. Considerando que o ensino é conduzido exclusivamente em português, torna-se essencial refletir sobre as estratégias de ensino dentro desse cenário multilíngue (Ndombele; Timbane, 2020). Angola é um país caracterizado pelo multilinguismo, onde coexistem idiomas de diferentes origens, incluindo africanas, europeias e asiáticas. As línguas africanas predominantes no país pertencem aos grupos bantu e khoisan, sendo faladas como língua materna pela maioria da população, especialmente em áreas rurais e suburbanas.

Esses idiomas desempenham um papel fundamental nos ritos de passagem, cerimônias matrimoniais, práticas de culto aos antepassados e na organização das estruturas tradicionais locais. Muitas dessas línguas possuem caráter transnacional, pois, além de serem faladas em Angola, também estão presentes em países vizinhos. Vale destacar que as fronteiras linguísticas não correspondem necessariamente às divisões políticas estabelecidas pelos colonizadores europeus durante a Conferência de Berlim (1884-1885). (Ndombele; Timbane, 2020).

De acordo com a Constituição da República de Angola (Art. 19), o português é “a língua oficial do país, sendo que o Estado também incentiva o aprendizado, o ensino e o uso das outras línguas nacionais, além das principais línguas de comunicação internacional” (Constituinte, 2010, p. 9). Este artigo da Constituição destaca o português como a única língua oficial, enquanto as demais línguas africanas, faladas pela maioria da população, recebem menos reconhecimento. O status de "oficial" tem grande peso no âmbito político, pois define a língua que representa a identidade nacional. Angola é considerada um país lusófono justamente por ter adotado o português como sua língua oficial. A tentativa de tornar o português uma língua nacional apresenta aspectos positivos, especialmente em um país onde coexistem mais de vinte línguas. (Ndombele; Timbane, 2020).

A segunda parte do Artigo 19, que afirma que "o Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola" (Constituinte, 2010), não se concretiza na prática. O preconceito linguístico e a falta de empenho político dificultam sua aplicação efetiva. Para que essa valorização se tornasse realidade, seria necessário que o Estado adotasse políticas sólidas voltadas para o uso, ensino, difusão e preservação dessas línguas, que representam um patrimônio cultural imaterial. A diversidade linguística africana reflete a

pluralidade étnica do continente, pois cada idioma está ligado à identidade de um grupo específico (Ndombele, 2017). O multilinguismo, longe de ser um problema para Angola e para o mundo, deveria ser reconhecido como uma riqueza que fortalece a diversidade presente em todas as sociedades.

É fundamental compreender que a definição de línguas nacionais é resultado de decisões da política linguística, não de uma escolha espontânea dos falantes. A própria noção de "nação" não corresponde às tradições dos povos bantu e khoisan. Além disso, é preciso considerar que a designação de uma língua como "nacional" é algo imposto aos cidadãos de um determinado território. Dessa forma, as línguas bantu e khoisan faladas dentro das fronteiras geopolíticas de Angola são reconhecidas como línguas nacionais, ainda que suas origens não estejam necessariamente vinculadas a esse espaço específico. (Ndombele; Timbane, 2020)

Conforme dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016, p. 51), o português é falado por mais de 71% da população angolana, sendo mais comum nas áreas urbanas, onde atinge 85% dos habitantes, enquanto nas zonas rurais o índice cai para 49%. No entanto, o português utilizado nesses contextos passou por transformações significativas, incorporando elementos próprios e se diferenciando da norma-padrão, resultando no que pode ser chamado de "português angolano". A implementação do Artigo 19 da Constituição da República se dá com base nessa variedade linguística, que se desenvolveu sob a influência das diversas línguas bantu e khoisan faladas no país, tornando-se uma expressão autêntica da identidade angolana. (Ndombele; Timbane, 2020)

Os angolanos sempre foram educados dentro de um modelo tradicional, transmitido no seio das comunidades e fortemente ligado à cultura local, estabelecendo normas de convivência e pertencimento social. Com a colonização, foi imposta uma educação de matriz europeia, caracterizada por um modelo moderno que trouxe vantagens e oportunidades econômicas.

No entanto, a estrutura e os objetivos da educação tradicional estavam voltados para a preservação dos costumes e práticas dos grupos étnicos. Entre os povos bantu e khoisan, a oralidade desempenhava um papel central no processo educativo, sendo as línguas autóctones os principais veículos desse conhecimento. Além disso, havia uma forte integração entre teoria e prática, pois essa educação estava diretamente voltada para as atividades do cotidiano e a vivência comunitária. (Ndombele; Timbane, 2020)

A língua portuguesa, como qualquer outro idioma, está em constante evolução, adaptando-se aos contextos culturais e sociais em que é utilizada. No caso de Angola, a presença do português, resultado da colonização portuguesa, originou um fenômeno linguístico singular:

a criatividade lexical do português angolano. Essa variedade da língua se caracteriza pela influência das línguas nacionais de Angola, pela adaptação de vocábulos ao contexto sociocultural e pela formação de neologismos próprios.

A criatividade lexical pode ser compreendida como um processo dinâmico de formação de palavras e expressões que emergem da interação entre diferentes línguas e culturas. Segundo Silva (2010, p. 47), "o contato entre línguas distintas propicia não apenas o empréstimo de termos, mas também a ressignificação de palavras e a criação de novos vocábulos, tornando o idioma mais dinâmico e adaptável". No português angolano, isso se manifesta, por exemplo, na incorporação de termos das línguas bantas, na criação de palavras híbridas e na reinterpretação semântica de palavras do português europeu.

Um dos aspectos mais marcantes do português angolano é o uso de africanismos, ou seja, palavras originadas das línguas africanas faladas no país. Expressões como "ginga" (que remete à agilidade e astúcia, inspirada na histórica rainha Nzinga Mbande) e "kuduro" (estilo musical e de dança popular) ilustram essa influência. Além disso, há uma forte presença de estrangeirismos adaptados à fonologia e morfologia locais, criando novas formas de expressão. De acordo com Sousa (2015, p. 89), "o português angolano reflete a identidade linguística do povo angolano, sendo um exemplo vivo de como a língua se transforma através do contato intelectual".

Outro fenômeno comum no português angolano é a reinterpretação semântica de palavras do português padrão. Muitas palavras adquirem significados diferentes do uso tradicional europeu ou brasileiro, adaptando-se à realidade local. Por exemplo, o termo "bazar", que em Portugal significa "mercado", em Angola é amplamente utilizado como sinônimo de "ir embora". Essas modificações ilustram a flexibilidade da língua e sua capacidade de se adaptar às necessidades comunicativas de uma comunidade.

A criatividade lexical do português angolano também se manifesta na formação de neologismos, frequentemente originados da interação entre o português e as línguas bantas. Esses neologismos não apenas enriquecem o vocabulário, mas também servem como marcadores de identidade e pertencimento cultural. Como afirma Martins (2018, p. 102), "o surgimento de novas palavras e expressões no português angolano demonstra a vitalidade e a criatividade da língua em um contexto multilíngue e multicultural".

Dessa forma, o português angolano é um exemplo claro de como a língua portuguesa se transforma ao longo do tempo, moldada pelas interações sociais e culturais. A criatividade lexical presente nessa variedade linguística é um reflexo da dinamicidade do idioma, evidenciando a riqueza e diversidade do patrimônio linguístico angolano.

3.1 O LÉXICO E O VOCABULÁRIO DE UMA VARIEDADE

A língua, por mais que muitos insistam em tratá-la como um sistema fechado e uniforme, é feita de escolhas que os falantes fazem todos os dias, sem que muitas vezes se deem conta de que estão, ali, definindo o rumo do que entendemos por léxico. Para Biderman (1996), quando falamos em léxico, falamos das palavras que circulam numa comunidade, mas também dos sentidos que essas palavras carregam, das histórias que ativam e das relações que constroem. Nenhum léxico é neutro ou universal. Ele é moldado pelas práticas sociais, pela cultura local, pelos afetos e pelos enfrentamentos que atravessam a vida em sociedade.

Nesse sentido, é importante diferenciar o léxico da língua do vocabulário que é efetivamente utilizado por cada falante ou grupo social. Segundo Biderman (1996), o léxico diz respeito ao conjunto de palavras disponíveis numa determinada língua, sendo construído social e historicamente por uma coletividade. Já o vocabulário, conforme Zavaglia (2012), se refere ao recorte dessa totalidade que cada sujeito ou comunidade mobiliza de acordo com suas experiências, contextos e necessidades. Assim, o léxico organiza a disponibilidade e o vocabulário revela a escolha, escolha essa que manifesta os afetos, as identidades e os sentidos construídos por quem fala.

A escolha das palavras nunca é neutra. Biderman (2001), lembra que o vocabulário carrega sentidos socialmente construídos que vão sendo atualizados conforme as experiências dos falantes. Nessa perspectiva, como discutem Faraco (2008) e Alves e Jesus (2015), quando se observa uma variedade linguística, é essencial compreender que suas palavras não são meramente “outras” formas de dizer a mesma coisa, mas maneiras específicas de nomear realidades específicas. É aí que o léxico ganha status de documento histórico-cultural, revelando a vivência concreta dos sujeitos.

Por isso, toda variedade linguística carrega um vocabulário próprio, ainda que compartilhe uma base comum com a língua padrão. Bértoli (2016) aponta que por meio do vocabulário, toda variedade linguística revela um modo particular de ocupar o mundo com a linguagem. Isso significa que diferentes grupos usam palavras diferentes, por questão de escolha estilística, e porque lidam com experiências, realidades e referências culturais distintas. Por exemplo, os enfermeiros usam o termo “ aferir a pressão arterial ” ao invés de “ medir a pressão ”, que é uma expressão utilizada por pessoas que não são profissionais da saúde. No português falado em Angola, esse vocabulário é atravessado por influências da língua bantu e pelas formas próprias específicas da sua variedade do português herdado do colonizador e adaptado à realidade angolana. Por exemplo, as palavras “ bué ” (muito), cumbú (dinheiro)

ocorrem nessa variedade. O que significa que o falante desta variedade pode usá-las e ser muito bem compreendido pelos membros da comunidade de fala. O que se diz, como se diz e por quê se diz daquela forma estão profundamente conectados com o que se vive e se compreende naquele espaço. É nesse ponto que a relação entre léxico e identidade se fortalecem. Quando uma comunidade faz da linguagem um espaço para expressar sua vivência, ela também transforma esse uso em um gesto de afirmação. É nesse contexto que, segundo Alves (2007), os falantes criam neologismos como forma de responder às novas necessidades comunicativas e como meio de dar nome ao que ainda não foi legitimado pela norma. Entendamos por neologia, como a “capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas” (Correia; Almeida, 2012, p. 17). Essas criações resultam da tentativa de traduzir experiências que escapam ao vocabulário tradicional. Por isso, o léxico que se manifesta em uma variedade linguística não pode ser lido como desvio, mas como uma resposta coerente e legítima às condições sociais e culturais que moldam o uso da língua naquele grupo.

Na prática, isso significa reconhecer, que as palavras usadas nas letras das músicas, nas conversas entre pessoas na rua, nos discursos e conversas entre os alunos na escola e nos comentários dos internautas nas redes sociais em Angola não representam um “outro português”, mas uma versão real do português em uso, adaptado às realidades que o moldam. Essas palavras, que não constam nos dicionários normativos, são parte do repertório efetivo de quem fala, e o que elas mostram, de acordo com Alves (2007), é que a língua se mantém viva exatamente porque pode ser apropriada, reinventada e compartilhada com sentido.

A compreensão do léxico como uma construção social (na perspectiva laboviana do termo) implica também refletir sobre os espaços de produção e circulação da linguagem. Não é apenas o vocabulário que se transforma com o tempo, mas também as condições que autorizam ou desautorizam certas formas de falar. Martins e Martins (2016), discutem que os usos linguísticos legítimos nem sempre coincidem com os usos reconhecidos institucionalmente, e isso afeta diretamente como se valoriza ou se despreza o vocabulário de determinadas variedades.

Nesse ponto, é essencial também repensar a forma como a escola lida com o vocabulário dos alunos. Muitas vezes, as variedades linguísticas não hegemônicas são invisibilizadas ou tratadas como inadequadas, desconsiderando o fato de que elas são tão legítimas quanto qualquer outra. Martins e Martins (2019) alertam para a necessidade de trazer o léxico do aluno para o centro das práticas pedagógicas, valorizando suas referências culturais e sociais, atuando numa Pedagogia culturalmente sensível discutida com pormenor por Bortoni-

Ricardo (2009). Uma Pedagogia culturalmente sensível é aquela que não humilha o aluno, quer dizer, é aquela que se aproveita dos saberes dos educandos, das culturas que as representam para tornar a aprendizagem integradora e sem preconceito linguístico. É importante neste momento compreender que o léxico carrega elementos de identidade de um povo, assim como as marcas históricas dessa comunidade de fala. Nada na língua ocorre por acaso, o que quer dizer que as línguas se ligam à cultura dos seus falantes.

3.2 MARCAS LEXICAIS DO PORTUGUÊS E SUAS INFLUÊNCIAS

Quando falamos em marcas lexicais, estamos nos referindo às formas como o vocabulário de uma língua carregam os traços da história, da cultura e das relações sociais de um povo. No caso do português, especialmente em contextos pós-coloniais como o de Angola, essas marcas são resultado de um longo e desigual processo de contato entre línguas. A colonização impôs o português como língua oficial, mas não conseguiu apagar as línguas africanas já existentes e faladas pela grande maioria dos angolanos. O que se estabeleceu foi um convívio forçado, no qual o português precisou de ser apropriado, adaptado e transformado para atender às realidades locais. É nesse contexto que português é legitimado pela Constituição da República (2010).

Antes de mais nada, é importante entender que essas marcas não se referem apenas a palavras diferentes ou exóticas, mas à maneira como o vocabulário carrega e atualiza os sentidos construídos por cada grupo. Elas se manifestam na escolha de certos termos, na criação de outros, e na forma como a língua é usada para expressar realidades específicas (Biderman, 1996).

O léxico de uma variedade busca representar a forma como a sociedade enxerga os fenômenos da vida em sociedade e na formação das marcas lexicais do português falado em Angola; observa-se a presença de empréstimos e estrangeirismos provenientes das línguas autóctones. As marcas lexicais, como “alambamento” (dote), “gasosa” (refrigerante), “taxi” (van) revelam essas relações entre a língua e a cultura de um povo. Os valores semânticos nos revelam um significado próprio, por vezes, incompreensível nas outras variedades. São termos que não pertencem à gramática normativa, mas que surgem no uso cotidiano da língua, em contato com as línguas bantu, kimbundu, do umbundu, kikongo e com o cotidiano das pessoas. Dessa forma, em vez de pensá-las como erros ou desvios, é mais honesto e produtivo entendê-las como respostas linguísticas a contextos sociais específicos.

Entre os processos que alimentam essas transformações está a neologia. Alves (1996) descreve como as novas palavras nascem da necessidade de nomear o que ainda não tem nome, ou por criação espontânea, como forma de reforçar identidades ou marcar pertencimento a determinado grupo. Em Angola, é comum encontrar termos criados a partir da fusão entre elementos do português e das línguas nacionais, revelando criatividade linguística dos falantes e consciência da própria realidade cultural. Por exemplo:

Quadro 1 - Empréstimos no Português Angolano

Empréstimo no PA	Étimo	Significado	Estrang.	Étimo	Significado
<i>Candogueiro</i>	Do quimbundo, <i>ka-ndonga</i>	Que faz negócios para remedeio	<i>Boss</i>	Do Inglês	Patrão, chefe
<i>Cassulinha/ caçulinha</i>	Do quimbundo, <i>ka-zuli</i>	Último da família	<i>Pendrive</i>	Do inglês	Dispositivo constituído por uma memória, possui a função de armazenamento
<i>Desbundar</i>	Do quimbundo, <i>mbunda</i>	Festejar com pompa; esbanjar	<i>Show</i>	Do inglês	Mostrar, demonstrar, apresentar-se

Fonte: Naege e Timbane (2023, p. 27).

São neologismos que nascem da inexistência da palavra na língua portuguesa (empréstimos necessários) e da invenção de situações novas ou anteriormente inexistentes, muitas vezes criados fora dos circuitos acadêmicos ou institucionais, mas que cumprem um papel central na comunicação cotidiana.

Além dos neologismos, também ganham espaço os empréstimos linguísticos, os significados ampliados, as expressões idiomáticas próprias e os usos inovadores da morfologia e da sintaxe. Martins e Martins (2019) apontam que essas marcas lexicais se apoiam em padrões sociolinguísticos compartilhados dentro de grupos específicos, especialmente em ambientes urbanos. A música, a oralidade e os circuitos culturais juvenis funcionam como grandes plataformas de circulação e legitimação dessas formas lexicais. Por exemplo, os jovens criam expressões e gírias próprias do grupo, tal como veremos nas músicas de kuduro que serão analisados na presente pesquisa.

O uso dessas marcas, portanto, denuncia o quanto é limitada a ideia de uma norma única, centrada em modelos europeus ou institucionalizados. Reconhecer as marcas lexicais como parte da estrutura viva da língua portuguesa é também reconhecer o direito de todos os seus falantes de se expressarem com os recursos que possuem e com os sentidos que produzem a partir das suas realidades.

3.3 O KUDURO EM ANGOLA E NO BRASIL: SIMILARIDADE E MARCAS LEXICAIS

O kuduro é uma manifestação cultural que combina dança e música, surgida na cidade de Luanda, capital de Angola, durante a década de 1990 (Tomás, 2013). Este estilo artístico nasceu em um contexto urbano, marcado pela criatividade e pela resistência cultural diante das adversidades sociais e econômicas do país. Com uma batida vibrante e movimentos de dança altamente energéticos, o kuduro rapidamente conquistou espaço não apenas em Angola, mas também em outros países.

A sua disseminação para Portugal foi impulsionada pelas fortes redes de migração e intercâmbio cultural mantidas pelos angolanos que residiam no território europeu. Em Portugal, o kuduro foi incorporado à cena musical local, ganhando novos contornos ao se misturar com outros gêneros musicais, como o house e o reggaeton. Posteriormente, o estilo alcançou o Brasil, onde também encontrou um terreno fértil para se expandir, especialmente nas periferias urbanas, onde sua energia e estilo se conectaram com outras manifestações culturais locais, como o funk carioca. Como destaca Moorman (2008), o kuduro é mais do que uma forma de entretenimento; ele é um espaço de resistência e afirmação cultural. Suas letras abordam temas como desigualdade social, corrupção e a luta pela sobrevivência, utilizando uma linguagem carregada de humor e ironia. Essa combinação de elementos linguísticos e culturais torna o Kuduro um exemplo claro do que Bakhtin (1997) descreve como um “discurso híbrido”, no qual diferentes vozes e perspectivas se encontram.

A chegada do kuduro ao Brasil ocorreu principalmente por meio da diáspora angolana e da globalização cultural. Em território brasileiro, o gênero encontrou terreno fértil, sobretudo nas periferias urbanas, onde foi incorporado e adaptado, muitas vezes dialogando com outros gêneros musicais, como o funk carioca. Essa adaptação, no entanto, não apagou as marcas lexicais do kuduro original, mas ressignificou no contexto brasileiro.

De acordo com Pardue (2015), o kuduro no Brasil mantém muitas das características rítmicas e estéticas angolanas, mas suas letras passaram a incorporar termos expressões típicas do português brasileira, criando um vocabulário híbrido. Essa mistura de

léxicas reflete o que Stuart Hall (2006) chama de “identidade em trânsito”, marcada pelo intercâmbio cultural pela reinvenção das tradições em novos contextos. As letras do kuduro brasileiro também dialogam com questões sociais locais, como desigualdade, violência e racismo, temas que ressoam com as realidades das comunidades periféricas no Brasil. No entanto, diferentemente do kuduro angolano, que muitas vezes utiliza línguas africanas como o kimbundo, no Brasil o gênero recorre exclusivamente ao português, embora mantenha palavras e expressões angolanas como forma de homenagear suas raízes.

As letras de kuduro, por exemplo, raramente são escritas ou guardadas na forma de registro escrito, elas são geralmente gravadas, e em alguns casos de forma fragmentada, por diferentes autores de diferentes trechos de uma mesma música, que os escreverem cada qual a sua parte se junta na gravação do áudio. Outra particularidade é que algumas referências musicais do kuduro foram retiradas de outros ritmos produzidos em Angola por gerações anteriores, como semba, a kizumba e os ritmos de diferentes grupos étnicos, considerados tradicional (Marcon, 2017, p. 7).

A citação de Marcon (2017) evidencia aspectos cruciais do kuduro enquanto manifestação cultural e linguística em Angola. Primeiramente, ao destacar a forma predominante oral e fragmentada de composição das letras, a citação reflete características próprias de culturas que valorizam a oralidade como meio de transmissão de conhecimento e expressão artística. Esse elemento conecta o kuduro à tradição angolana, onde a oralidade desempenha um papel central na preservação e reinvenção cultural.

Outro ponto importante é a referência à influência de ritmos tradicionais angolanos, como o semba e o kizumba, que, mesmo sendo distintos, compartilham uma base cultural comum com o kuduro. Essa mescla de elementos tradicionais com a modernidade, através de batidas eletrônicas, torna o kuduro um espaço híbrido, que dialoga com o passado e o presente. No contexto do português lexicais, isso se evidencia na forma como as letras do kuduro misturam o português com dialetos locais (como o kibundo, kikongo e tchokwe), criando uma linguagem única e culturalmente rica.

O kuduro emerge como um fenômeno cultural dinâmica, capaz de transcender fronteiras e se reinventar em diferentes contextos sociais. Em Angola, sua origem está ligada às periferias de Luanda, onde serviu como expressão de resistência e identidade para jovens marginalizados. No Brasil, o estilo foi resignificado, incorporando elementos locais e se tornando uma ferramenta de empoderamento para comunidades periféricas. As similaridades entre o kuduro angolano e sua adaptação brasileira revelam marcas lexicais e estéticas

compartilhadas, como linguagem coloquial, a crítica social e a valorização da dança como forma de comunicação.

Portanto, cada contexto imprime suas particularidades, demonstrando a flexibilidade do gênero em dialogar com realidades distintas. Em ambos os países, o kuduro desafia estereótipos e preconceitos, reafirmando-se como um movimento artístico e político que dá voz a grupos historicamente excluídos. Sua trajetória evidencia o poder da música como agente de transformação social, capaz de unir culturas e inspirar mudanças. No entanto, o estudo do kuduro não apenas enriquece o entendimento sobre as diásporas culturais, mas também reforça a importância de valorizar expressões artísticas que nascem das margens e conquistam o mundo.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, ancorada em análise das letras das músicas, com o intuito de compreender, à luz de autores especializados, as marcas lexicais do português angolano nas músicas de kuduro. Por meio da análise teórica de obras acadêmicas publicadas sobre linguística, lexicologia, neologia, identidade cultural e manifestações artísticas, buscou-se consolidar um arcabouço teórico capaz de embasar a investigação sobre os elementos léxico-semânticos presentes nas letras do gênero musical angolano kuduro.

A pesquisa bibliográfica foi importante para a presente pesquisa porque se mostrou adequada por permitir uma reflexão crítica acerca das produções científicas já consolidadas sobre o tema, possibilitando o diálogo entre os conceitos da variação linguística, neologismos e identidade cultural em contextos multilíngues. Para a composição do referencial teórico, foram selecionadas publicações acadêmicas nacionais e internacionais, com ênfase em autores como Biderman (1996), Alves (2007), Zavaglia (2012), Bagno (2009), Silva (2010), Martins (2018) e Ndombele e Timbane (2020), entre outros. Essas obras foram consultadas a partir de artigos, plataformas digitais de periódicos científicos e bases de dados acadêmicas e *Google Scholar*. O critério de escolha das fontes priorizou publicações recentes e relevantes, abrangendo temas como o português angolano, sociolinguística, formação lexical, neologia e musicalidade como expressão cultural. A análise das contribuições desses autores foi fundamental para sustentar teoricamente as hipóteses da pesquisa e aprofundar a compreensão sobre a formação do léxico angolano na interface com a música popular do estilo kuduro. Essa leitura interpretativa possibilitou o levantamento de dados teóricos relevantes, que foram posteriormente organizados e discutidos nas seções do artigo.

O presente estudo utilizou uma seleção composta por 20 letras de músicas do gênero kuduro, produzidas no período de 2020 à 2024. A seleção das músicas será pautada em critérios de representatividade e diversidade, contemplando artistas de diferentes regiões de Angola, a fim de garantir uma amostra representativa do fenômeno linguístico e cultural em análise. A escolha também priorizará letras cuja popularidade permita refletir sobre as tendências significativas do léxico angolano e contemporâneo.

As letras serão coletadas por meio de fontes oficiais, incluindo sites autorizados, plataformas digitais de músicas, garantindo o êxito e confiabilidade do conteúdo. Essa etapa priorizou a oralidade, preservando traços de pronúncia e grafia não padronizados que representam valor para análise sociolinguística. As letras das músicas foram submetidas a uma

leitura cuidadosa para identificação e extração de termos, expressões e gírias característicos do português angolano, com interesse para os angolanismos lexicais. Essa etapa incluirá as anotações dos termos, considerando suas variações lexicais, semânticas bem contextualizadas na variedade.

A pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética, pois as letras das músicas são domínio público podendo ser acessados por qualquer internauta. Para além disso, a pesquisa não envolve seres humanos, o que significa que os cantores não correm nenhum risco. As letras das músicas refletem diretamente o que é cantado nas músicas na variedade angolana de português. A seguir vamos analisar música por música, identificando os angolanismos lexicais, buscando seus significados na variedade angolana do português deixando clara de antemão que o português de Angola reflete a realidade dos angolanos e faz parte da identidade sociolinguística do povo.

A análise de dados foi realizada com base das gírias e expressões do português angolano extraídas de letras de música de gênero kuduro no período do ano de 2010 à 2024. Os dados foram classificados conforme categorias lexicais, esclarecendo tanto a adaptação semântica quanto a ressignificação cultural no uso brasileiro. As fontes sempre remetem à música específica, ampliando a confiabilidade e contextualização do registro. O processo evidencia o intercâmbio cultural e linguístico entre Angola e Brasil via letras de músicas de kuduro, ressaltando o papel das músicas como veículo de circulação de gírias e expressões.

Cada registro no quadro é composto por cinco colunas: Léxico do Português Angolano: traz termos autênticos do repertório oral angolano, promovendo o reconhecimento do kuduro como espaço de circulação de gírias marcadoras de identidade cultural; Explicação no Português Brasileiro: transpõe as gírias para um contexto compreensível para falantes do Brasil, mostrando adaptações e possíveis ressignificações e variação linguística; Origem da palavra: aborda aspectos etimológicos e trajetórias de circulação lexical, seja como empréstimo, neologismo, variação fonética ou resgate de usos ancestrais, valorizando o papel histórico e cultural da língua na música. E por fim a Fonte, que registra a autoria e referência direta à canção/letra/grupo, agregando rigor à análise dos dados.

5 ANÁLISE DE DADOS

A seguir faremos o levantamento das unidades lexicais em músicas selecionadas. A primeira decisão é de observar letra por letra, as marcas dos angolanismos lexicais nas músicas de kuduro. Esse levantamento nos ajuda na compreensão da existência das marcas do português de Angola. O léxico do português de Angola existe e pode ser observado também nas letras dos jovens angolanos. Lembrando que a criatividade lexical do português de Angola é muito mais observável em jovens que são mais ousados e influenciados direta ou indiretamente das línguas locais e do português.

Os quadros a seguir ilustram esse levantamento lexical indicando o significado, a origem da palavra e a fonte onde teve ocorrência. Essas palavras são conhecidas pelos angolanos e refletem a realidade sociolinguística da variedade angolana de português. Elas fazem parte do acervo lexical da variedade local. Na qualidade de pesquisadores não podemos classificá-las como inferiores nem desviantes à norma porque existe uma só língua portuguesa, da qual se observa a convivência de variedades.

Quadro 2 - Música: Kibexa (Noite & Dia)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Kebexa	Nome da dança e movimento associado.	Nome da dança típica do kuduro angolano, usado para expressar a batida, o ritmo e o movimento da dança.	Termo cultural específico do kuduro angolano. Não derivado do português brasileiro, mas influenciado pelo crioulo urbano e pela prática musical local.
Te picou	“Te cutucou”, “te marcou” no contexto de dança ou paquera.	Pode ser entendido como “te cutucou” ou “te provocou”.	Expressão do português angolano.
Manivela	Gíria para movimento corporal na dança, ou algo ligado a malícia/astúcia.	É uma peça mecânica para girar.	Palavra raiz no português de Portugal e do Brasil para a peça mecânica girar.
Garina	Garota ou menina.	Equivalente a uma jovem mulher.	Forma popular angolana para “garota ou menina” deriva do jargão africano urbano.

Putá Prata	Menino/rapaz	“Puto” tem sentidos variados ex: um homem garanhão.	“Puto” vocabulário comum em várias variedades lusófonas para “menino” ou “garoto”. “Prata” funciona como apelido.
Madjé	Similar a amigo ou apelido local.	Camarada ou companheiro.	Variante fonética de termos de saudações ou de chama laboração usados em contextos informais angolano.
Tomba só na boda	“Boda” significa festa ou baile; “Tomba” aqui é “dançar”, “agitar”.	A expressão seria “dá um show na festa” ou “arrasa na balada”.	Léxico comum angolano.
Tou arrasaré	Estou arrasando.	Estou causando boa impressão.	Construção do português angolano com influência de expressões de variação pessoal.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 3 - Música Regra do Jogo (Mano Chaba)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Bwé de boca	Gíria para “muitas falas/galera que já falou demais.	Expressão informal usada no português brasileiro e especialmente em algumas gírias urbanas para significar “muita boca” ou “muito barulho”.	Angola/Português angolano
Nigga	Empréstimo cultural do inglês, equivale a “negão”.	É uma gíria do inglês usada principalmente entre afro-americanos para significar “preto ou negro”. No Brasil, o termo chegou principalmente por meio da cultura hip hop e rap.	Inglês (variante dialetal do inglês afro-americano).
Surubaleba	Confiança extrema	Pode ser entendido no contexto popular	Brasil (gíria internauta/redes sociais).

		brasileiro, como uma gíria para festas regadas a muita agitação, dança e barulho, com um sentido próximo a “bagunça, agito intenso”.	
Fatigou	Cansou/exaustou	Usado no Brasil em gírias para dizer que alguém está cansado ou esgotado, sinônimo informal de “fadigado”.	Brasil (gíria contemporânea, popularizada em 2023).
Guetão	Quartel ou grupo de rua.	Palavra derivada de “gueto”, usada para se referir a uma área urbana periférica, geralmente associada a comunidades de baixa renda.	Brasil (gíria do funk e periferia).
Greg o/grejo	Esperto/estiloso.	Usado informalmente para designar algo cujo nome exato o falante não lembra ou quer evitar.	Brasil (gíria do futebol).
Revú	Revolver ou arma.	No português brasileiro, “revú” é uma forma popular de se referir à palavra francesa “revue”, que significa um espetáculo teatral composto de vários números curtos de dança.	Brasil (gíria do funk carioca).

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 4 - Música Minha Profissão (Rey Loy)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Malé	Usado como termo pejorativo para “mau”, “vil” ou para alguém que está falando mal ou julgando.	Forma popular de escrita de “malé” não é amplamente reconhecida como palavra isolada; quando	Umbundo (uma das línguas nacionais de Angola).

		aparece, costuma ser uma grafia coloquial de “mal” em contextos de fala rápida ou regional, ou pode ser empréstimo fonético no jargão musical.	
Camba	Pessoa, indivíduo.	Gíria regional impossível de padronizar. No Brasil não é comum, podendo ser entendido como erro de grafia ou vocabulário de comunidades específicas. Em geral, não possui definição normativa no português brasileiro.	Quimbundo (outra língua nacional de Angola).
Canucos	Pessoas pobres ou de origem humilde.	Não é termo comum no português brasileiro.	Provável origem no português colonial.
Wé	Expressão para chamar atenção, algo como “ó ou ei”.	Expressão de vocabulário informal, anomotopia de chamar atenção, aproximação de “ei ou olá/olha”.	Provavelmente uma abreviação/adaptação de “mano” para “m’ wé” na gíria angolana, ou uma interjeição de origem africana.
Dread	Jovem com cabelo rastafari, em Angola associado ao estilo.	Usado no Brasil na cultura popular para se referir a cabelo dreadlock ou à estética “dread” associada a estilos urbanos/geam, rock/reggae.	Empréstimo do inglês
Mboa	Onde a pessoa mora “tipos da mboa” se referi às pessoas do bairro.	No Brasil pode ser entendido em contextos de ficção, cultural lusófono, ou na observação de músicas, mas não é uso corrente.	Umbundo

Pipo	Pessoas da mesma área, semelhantes a “caras ou rapazes” locais; aqui são os que têm dinheiro.	No Brasil pode soar como gíria específica de comunidades, não reconhecida formalmente.	Possivelmente uma corruptela de “povo” ou uma criação lexical interna.
Fervam	Agitaram-se, ficaram ativos.	Forma popular de “fervem” ou do verbo ferver em 3ª pessoa do plural. Não é padrão. Podem derivar gírias locais ou de grafia informal para “ficam ativos”.	Gíria brasileira especificamente do funk e das periferias.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5 - Música Comboio 2 (Bruno King e Nagrelha)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Tá vir comboio	Significa que algo está chegando com força, em movimento rápido e intenso.	É uma forma de alerta ou de chamar atenção para que as pessoas se espressem ou saiam do cominho.	É uma expressão típica do português de Angola.
P’ra valer	De verdade, com intensidade, com toda a força.	A sério; de verdade, para valer.	A expressão é usada em Portugal, Brasil e nos PALOP’s.
Arrastar	Mostrar força/dominância.	Puxar algo pelo chão.	O verbo vem do latim arrastrare, que significa “rastar por”, “arrastar-se”.
Mwangolé	Dança ou atitude.	É um termo pejorativo e racial para se referir a uma pessoa negra.	A origem é contravérsica, mas a teoria mais aceita é que vem do umbundo (uma das línguas mais faladas em Angola).
Denegriram	Uso figurado que significa “desvalorizar, desmerecer”.	No português padrão, significa “tornar negro”, “manchar” ou “difamar”.	Vem do latim denigrare, que significa “tornar negro”, de niger (negro).

Tu ès agora puto bronze	“Puto” jovem, garoto. “Bronze” provavelmente aqui indica status ou referência a uma categoria superior, após “Puto Prata”.	Na gíria significa que estás com dinheiro, bem-sucedido, “na moda”.	Puto do latim putus (menino, rapaz). Bronze a palavra significa cor/corante.
Tão a me dar pena	Forma reduzida de “estão”. “Dar pena” no senso fiurado, é sentir dó ou superioridade, expressando desprezo leve.	“Estão a dar-me pena” (no sentido de causar comiseração, dó ou tristeza).	“Tão a” é a contração coloquial de “Estão a” (verbo estar no plural + preposição “a” a marcar o gerúndio). “Dar pena” expressão idiomática portuguesa que significa “causar pena”.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 6 - Música Tchunila (Bruno M)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Tchubila	Expressão de som onomatopaico usada como assinatura sonora do ritmo.	Comida, alimentação ou ato de comer.	Crioulo cabo-verdiano
Dar go	Dar trabalho, efeito, agitar.	Significa fugir, escapar, dar fora ou despachar-se rapidamente.	Angolana
Tipo totó	Tipo bobo, ingênuo.	É uma expressão que significa “de forma fácil”, “sem esforço”.	Português de Portugal
Caló	Espertinho/esperto	Dinheiro	Crioulo cabo-verdiano
Bazar	Ir embora, sair.	Lugar onde vende roupas usadas	Crioulo cabo-verdiano, mas também usado no calão português e angolano.
Bungula	Brincar, bagunçar.	Da terra, nativo, autêntico.	Calão angolano, com raízes em línguas bantu de Angola (especialmente o quimbundo).
Kota	Homem adulto, figura de respeito.	Ancião, pessoa mais velha.	Calão angolano, com raízes em línguas bantu

			de Angola (especialmente o quimbundo).
Tropa de sangue	Grupo leal, forte, com forte ligação.	É uma expressão forte que significa “pessoa de confiança, amigo leal”	Angolana

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 7 - Música Arroz com Feijão (Elenco da paz)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Cuiar	“Cuiar” é variação local para “cuidar” ou “estarr cuidadoso”, aqui sentido de algo que sustenta e protege.	Gíria dos grupos marginalizados, com forte influência do romani, a língua dos ciganos. Significa enganar, burlar.	Romani: Khel
Papar em às	“Papar” é comer, “em às” significa em alto, é uma gíria que indica estar numa boa condição ou aproveitar intensamente, como comer bem.	Papar é uma palavra muito antiga e anomatopaica, que significa “comer” de forma simples e gulosa. “Em às” neste contexto, refere-se ao “às” dos dados do baralho de cartas.	Latim (Pappare)
Maiar	“Maiar” é uma gíria angolana que pode significar “ir embora, desistir ou dar problema”.	É uma variante da onomatopeia de “miar”, o som que um gato faz. A forma “maiar” é comum em certos sotaques regionais de Portugal.	Onomatopeia (Variante de “miar”)
Masquete	Gíria para pessoa desconfiada, metida, perigosa, espião.	Significa um trabalho temporário ou precário.	Francês (maquette)
Tapa	Lanche, refeição rápida.	É uma palavra anomatopeica. Isso significa que seu som	Onomatopeia

		imita o ruído da ação que descreve o som de uma pancada rápida com a mão aberta é “tap”.	
Tens ilusão	Significa em angano ou falsa expectativa.	Ilusão significa uma crença falsa, um sonho ou uma percepção errada da realidade.	Latim (ilussion) regionalismo/coloquialismo

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8 - Música 1 para 2 (Bruno M)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
People	Pessoa, galera, público.	No português coloquial entre jovens, pode ser usada como gíria para se referir a um grupo de pessoas e amigos.	Inglês
Gatos	Pessoas falsas, sem valor ou interesse.	Gíria para homens bonitos, geralmente usados para elogiar a aparência de alguém do sexo masculino.	Latim (cattus)
Scocia	Desfile, estilo ou lugar.	Não é uma palavra usual no português brasileiro ou gíria comum. Pode ser uma variação regional, uma gíria muito restrita ou erro de grafia.	Inglês (Scotia)
Granilista	Alguém que é contorcionista, flexível.	Em gíria regional pode se referir a trabalhador braçal.	Italiano/Latim (granito)
Poposudas	Mulheres que causam impacto devido ao corpo, dança ou presença.	Gíria para mulheres que têm o bumbum avantajado, usado de forma coloquial e um pouco informal.	Gíria brasileira

Ponham a boca no seguro	Ser firme nas palavras, se comprometer de verdade.	Expressão informal que significa falar com segurança, expor a verdade sem medo.	Expressão idiomática Portuguesa.
--------------------------------	--	---	----------------------------------

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 9 - Música É tudo boca (Samara Panamera)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Ndoki	Significa feitiço ou bruxaria, usada para insultar de forma figurada (diabo, maldição).	É usada em certas comunidades e pode estar relacionada a algo ou alguém considerado negativo ou perigoso.	A palavra vem diretamente do quimbundo, (uma das línguas bantu mais falada em Angola).
Bichinha	Gíria que pode ser pejorativo, usada para desqualificar alguém como fraco ou covarde.	Geralmente é um termo informal que pode se referir a uma pessoa considerada frágil, delicada ou até mesmo afetuosa.	Palavra de origem portuguesa que foi completamente ressignificada em Angola.
Salabuatas	Gíria local que pode se referir a pessoas pouco confiáveis ou trapaceiras.	Essa gíria é bastante regional e faz parte do vocabulário capixaba, referindo-se a alguém que é considerado preguiçoso	Gíria clássica de Luanda, e a sua origem é um excelente exemplo de criouliização.
Santinha	A expressão contrapõe a imagem de “santa” a alguém que age de forma hipócrita.	Pode ter diferentes significados dependendo do contexto, incluindo uma referência carinhosa a alguém considerado puro ou inocente.	Palavra de origem português que ganhou um novo sentido.
Kapú	Gíria para tiro ou bala, usada para expressar força e poder.	Originária do termo polinésio “kapu”, que significa algo sagrado ou proibido.	Origem remota ao período colonial.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 10 - Música Amarra o seu cão (Própria Lixa, Fofando, Noite & Dia e Cesaltina)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Bobi	Termo usado como chamariz, tipo “amigo ou cara”	Pode ser uma gíria antiga para “bobo ou parvo”.	Palavra de origem portuguesa
Skwada	Equipe, bando ou grupo	“Esquadra” refere-se a uma esquadra de polícia ou a uma unidade militar.	É uma adaptação para a escrita informal da palavra portuguesa “esquadra”.
Sardinha	Pessoa considerada comum, sem valor.	O peixe sardinha, conhecido por ser pequeno e normalmente enlatado com muitos outros.	Palavra portuguesa que ganhou um novo sentido metafórico.
Papo reto	Falar de forma direta, sincera, sem rodeios.	Significa literalmente, conversa reta.	Expressão de origem portuguesa que é também usada no Brasil, mas com um “sotaque” angolano.
Ji-abaito	Gíria que significa cara, presença forte ou pessoa importante.	Refere-se a um estilo, uma atitude ou uma forma de ser que é considerado “fixe”.	Esta é uma gíria com origem nas línguas nacionais de Angola, muito provavelmente do quimbundo.
Demolidora	Pessoa forte, que destrói, no sentido de habilidade ou força.	Aquela ou aquilo que demole, que destrói.	Palavra portuguesa que foi elevada ao status de gíria de elogio máximo.
Patroa	Mulher com autoridade, chefe, dona.	Mulher que patrocina ou dirige um negócio: a esposa do patrão.	Palavra de origem portuguesa.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 11 - Música Militar (Mobber, part. Nagrelha)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Txe	É usado para enfatizar ou expressar surpresa/ênfase, equivalente a “pois ou mano”.	É uma corruptela de chefe ou mano.	Inglês

Wy/wys	Termo angolano para rapazes, caras ou pessoas.	É uma abreviação direta da expressão inglesa. Wy pode significar “E ai? ou O que é que há?”	Inglês
Doop	Gíria para dinheiro.	Pode significar batota ou jogada manhosa, herdado do sentido de “dupe”.	Onomatopeia
Lombuchos	Pessoas de má fama, traíra, ou que não é confiável.	Refere-se especificamente aos músculos das costas o “dorsal largo”.	Espanhol
Perfilipado	Estar arrumado, bem vestido ou em boa forma.	Descreve algo que está excelente, impecável, “no seu melhor estado”.	Português
Bulir	Trabalhar, mexer naquilo, estar ativo.	Na gíria moderna, o significado expandiu-se. “Não bulir” significa não mexer. É usado como aviso.	Português
Click	Grupo, clique de amigos ou aliados.	Refere-se àquela sintonia ou conexão instantânea com alguém, seja romântica ou de amizade.	Inglês/onomatopeia
Ng	Abreviação de “ninguém”.	É simplesmente uma forma abreviada e muito informal de escrever “não”.	Inglês/internet

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 12 - Música Castigo (Bruno de Carvalho)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Xé	Usado como saudação ou chamando a atenção, parecido com “ô” ou “ei” em português do Brasil.	No português brasileiro, não tem um equivalente direto usado como saudação ou chamada de atenção.	É uma interjeição usada para chamar a atenção em Angola. Tem origem no espanhol, argentino e Angola.

Scró	Gíria angolana para homem, jovem ou camarada, semelhante a “mano, rapaz”.	No Brasil, pode se comparar a “mano, véi, cara ou parceiro”, formas informais para se referir a um amigo ou colega, especialmente entre jovens.	Origina-se da língua Lingala (língua bantu falada na região do Congo).
Catchoro	Termo informal que pode significar “rapaz, amigo ou garoto”	Não tem tradução direta comum no Brasil, mas funciona como “cara, rapaz, brother”	Não há fonte clara detalhando a origem etimológica, mas é uma expressão coloquial angolana.
Mô puto/mô nengue/mô cota	“Mô” é uma contração de “meu”. “Puto” significa garoto ou jovem. “Nengue” pode ser entendido como “ninguém” ou “pessoa qualquer”. “Cota” é uma pessoa mais velha, um velho ou coroa.	“Mô” é uma contração de “meu”. Esses termos são usados para se referir a pessoas com alguma relação de proximidade ou para diferenciar grupos etários. “Puto” no Brasil é mais usado com sentido pejorativo (criança mimada) ou apenas criança pequena. “Nengue” não existe na gíria brasileira, mas pode ser entendido como “ninguém”. “Cota” no Brasil é informalmente usado para se referir a pessoa mais velha.	Angolana
Espreme	Verbo usado de forma figurada para “apertar” ou “pressionar”, mas aqui tem conotação de esforço ou intensidade, algo como “vamos com tudo”.	No Brasil esses verbos existem com o mesmo sentido literal de “apertar, espremer”. No sentido figurado, pode significar “forçar, pressionar”.	Português
Jajão	Gíria para algo ruim, falso ou de má qualidade, em oposição a “weed”.	Não existe como uma gíria no Brasil, mas pelo contexto pode ser entendido como algo ruim, inferior, Zé ruela.	Angolano

Weed	Termo importado para designar algo “bom”, de “qualidade”, provavelmente no sentido de gíria global.	Termo importado do inglês, usado no Brasil para se referir à maconha, tanto no sentido físico quanto informal de “algo bom ou qualidade”.	Inglês
-------------	---	---	--------

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 13 - Música Abre o livro (Noite & Dia)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Ewé	Uma interjeição comum em Angola, usada para dar ênfase, similar a “hã” ou “ôxe” no português brasileiro. Também serve para chamar atenção ou expressar surpresa/afirmação.	No Brasil, não é uma gíria comum. A palavra vem do iorubá e significa “folha ou erva”, ligada a conceitos de força vital e cura espiritual, mas não tem uso coloquial brasileiro equivalente.	O termo vem do nome do povo Ewe, um grupo étnico da África Ocidental (principalmente em Gana, Togo e Benin).
Pimpopum	Expressão onomatopaica que indica ritmo acelerado, batida ou som pulsante, típica na linguagem do kuduro para descrever a música ou dança.	Não é uma gíria usada no português brasileiro. No Brasil, pode ser entendido como uma onomatopeia para um som de batida ou estalo.	É uma onomatopeia que reproduz o som de uma batida rápida, usada informalmente para descrever ritmo pulsante, principalmente nas músicas de kuduro.
Batiú	Pode referir-se a maneira de dançar ou a um tipo de movimento corporal, ligado ao contexto de dança kuduro.	Não é conhecido como gíria no português brasileiro.	Possivelmente vem do contexto da dança ou música local, associada a movimentos corporais ou a batidas da música, mas não há registro etimológico específico em dicionários.
Jarda	Gíria para uma jovem ou mulher, usada em Angola.	No Brasil, “jarda” é uma unidade de medida (Yard) e não gíria para mulher ou jovem como em Angola.	Tem origem no português europeu e brasileiro.

Injetada	No contexto do kuduro, pode fazer referência à batida injetada na música, ou a algo que é colocado com força, energia.	No português brasileiro, “injetada” é o participio/adjetivo de “injetar”, usado para descrever algo que recebeu injeção ou está cheio de fluído, sem conotação de gírias.	Derivado do latim “injectio”, que significa “ação de lançar dentro”, originado do verbo latino “injecere” (in+jacere, lançar).
Oba	Expressão de aprovação ou satisfação, bastante corrente popularmente.	Sim, é uma interjeição brasileira, usada para expressar alegria, surpresa ou comemoração, tipo “oba!”, “viva!”.	Sua origem etimológica é incerta, mas a palavra também aparece como nome de divisões tribais na Grécia antiga, sugerindo uma origem antiga e possivelmente do uso atual na língua portuguesa.
Djomberas	Palavra angolana que designa mulheres que dançam, costumava ser associada a jovens em festas e bailes.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Parece derivar de “djambe” ou relacionado a “djembe” instrumento de percussão africano, e “djombêra” seria quem dança ou toca, mas não há uma origem clara documentada de forma formal.
Zum-zum	Expressão que indica conversa fiada, fofoca murmurio.	Muito usado no Brasil para significar fofoca, ou conversa pelas costas.	É uma onomatopeia que imita o som de insetos voando.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 14 - Música Vibraté (Jéssica Pitbull)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Vibraté	Movimento, dança, vibe vibrante da festa.	São expressões criadas dentro da cultura do kuduro para descrever um tipo de dança, estilo ou vibração intensa e	Originários da cena musical e da dança do kuduro em Luanda, essas palavras são neologismos criados

		energética. No Brasil, poderiam ser entendidas como nomes de movimentos ou “gingas” específicas nas festas.	para descrever estilo, vibrações e movimentos.
Tá lhe dá	“Está acontecendo” (expressão de intensidade).	No Brasil, a expressão equivalente seria algo como “tá rolando”, “tá pegando”.	É originária do português angolano coloquial.
Mana	Amiga, mulher (tratamento afetuoso).	No Brasil, “mana” é comum entre grupos de jovens para se referir a amiga ou irmã de forma próxima e carinhosa, especialmente em comunidades urbanas.	Português angolano.
Banzelo	Grupo de pessoas que curtem ou acompanham algo.	É um grupo das pessoas que curtem ou participam da festa. No Brasil, seria equivalente ao “rolezinho”.	Português angolano.
Profi	Profissionais, pessoas habilidosas nas festas.	Uma forma abreviada de “profissionais” ou quem é experiente no contexto, no Brasil poderia se aproximar do sentido de “fera ou profissa”.	Reflete o uso coloquial e dinâmico típico da linguagem juvenil.
Waridu/Waridas	Saudações entre jovens, amizade.	Saudações informais entre jovens, similares à “fala mano”, “e aí, parceiro” no português brasileiro.	A origem pode estar ligada a expressões da língua local mescladas com o português, formando termos amigáveis e coloquiais usados no cotidiano da juventude angolana.
Quiedi	“O que é?”, “qual é?”	Expressão que significa “o que?”, usada para perguntar algo de modo informal, muito parecido com o “qual” do Brasil.	Português brasileiro, mostrando a adaptação e simplificação das frases na fala rápida e cotidiana.

Botija	Jovem, garoto.	No Brasil, o equivalente seria moleque o guri.	Português angolano.
---------------	----------------	--	---------------------

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 15 - Música Angola bwé de caras (Dog Murras)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Bwé	Muito, bastante.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Umbundo ou de outras línguas bantu faladas em Angola.
Kiebele	Bairro, pobre, favela.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Quimbundo
Sukula	Escola	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Português e língua bantu.
Zuata	Quebrado, deteriorado.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Quicongo
Kalingindó	Torcida, comemoração.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Expressão onomatopaica
Detractores	Invejosos, críticos com visão limitada.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Palavra de origem latina.
Bajulador	Puxa-saco.	Puxa-saco	Deriva do verbo “bajular” do português, que tem raiz no francês antigo “bajule”.
Fezadas	Golpes, ações traiçoeiras ou aproveitadores.	Essa palavra não é conhecida como gíria no Brasil.	Originada do português informal, especialmente em Angola.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 16 - Música Na boca é 1000 (Titica, part. Agre G)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Na boca é mile	Expressão que indica algo muito bom, intenso	É usado para descrever algo que parece muito	Crioulo cabo-verdiano.

	ou verdadeiro; “mile” pode significar mil.	bom, apetitoso ou promissor à primeira vista (na boca), mas que na realidade pode não ser tão bom quanto parece ou ter consequências.	
Tá a lhe dar reação	Estar causando impacto, animando, dando resposta positiva numa dança ou performance.	Significa que algo está a causar uma forte impressão, a fazer efeito (positivo e negativo), a “atingir” alguém. Pode ser usado para uma bebida alcoólica, uma música, um comentário.	Português coloquial.
Puxa a catuta	“Catuta” é tipo de bastão/vara usado em dança; puxar a catuta é mostrar habilidade, intensidade.	É um pedido ou ordem para partilhar um cigarro de cannabis. Puxar refere-se ao ato de fumar e catuta é a gíria para o cigarro de droga.	Gíria portuguesa, possivelmente com origens no calão (gíria antiga) ou no universo prisional.
Wassaluka	Saudações ou cumprimento animado.	É uma interjeição de alguém, celebração e descontração. Equivale a dizer “vamos festejar!”.	Crioulo cabo-verdiano.
Granda beat	Batida forte ou ritmo intenso.	É uma expressão de espanto, admiração ou susto.	Português coloquial de Portugal (especialmente na região de Lisboa)
Mata a sede	Satisfazer à vontade.	Significa beber algo para aliviar a sensação de sede.	Português
Palanganza	Festanção, reunião entre jovens.	Na gíria, é usado para se referir à cara ou rosto de uma pessoa.	Crioulo cabo-verdiano.
Tim-Tim	Brinde, gesto de brindar.	É a onomatopeia usada para o ato de brindar.	Português de Portugal (consequentemente dos PALOP).

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 17 - Música Não é peso é meu irmão (Delero King)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Papá	Forma carinhosa de chamar pai ou uma figura de autoridade.	Pai (de forma carinhosa e infantil)	Latim (pappa).
Guida	Figura importante, pode significar “mãe” ou uma guia/fonte de proteção.	Chefe, líder, guia; pessoa importante.	Quimbundo (nguido).
Bumba	Movimento, dança; pode indicar balançar ou mexer.	Ato de bater, pancada, som de impacto; “fazer bumba” significa fazer estrondo ou espalhafato.	Quimbundo (mbumba).
Banza	Dinheiro, recurso financeiro.	Cercado, senzala, aldeia, povoado; também pode se referir a um tipo de violão de 5 cordas.	Quimbundo (mbanza).
Ngana wala	Referência cultural, possivelmente relacionada a rituais/feitiços angolano.	Expressão que indica “muito”, “em grande quantidade”.	Quimbundo (ngana+wala).
Tropeçou na corrida	Fracasso, encontrar dificuldades.	Perdeu o equilíbrio durante a ação de correr.	Português/metáfora.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 18 - Música Tic taa (Nerú Amaricano, part. Será Que Cuia)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Cuia	Termo usado como apelido ou referência a alguém, também pode indicar cabeça ou mente em sentido figurado.	No sul do Brasil, por exemplo, “cuia” pode se referir à vasilha para tomar chimarrão, e em gírias, “estar de cuia” significa estar com raiva.	Indígena (Tupi)
Postera	Algo ou alguém de qualidade, estilo, destaque.	Significa último, o que vem atrás.	Espanhola

Agora parte	“Agora vamos começar” ou “a hora da ação chegou”.	Esta é uma forma de expressão que surge da contração e fusão de palavras na fala rápida e informal.	Portuguesa
Txibii-txibii	Expressão ou onomatopeia típica do kuduro.	É uma palavra que imita um som. Especificamente, tenta reproduzir o canto característico de um pássaro.	Onomatopeia
Work-é	Gíria que pode significar “trabalho”, esforço ou algo relacionado a atividade cotidiana.	É usado para se referir a alguém que está focado, trabalhando muito ou ao próprio trabalho.	Inglesa (anglicismo adaptado).
Narciso	Usado como apelido ou para designar uma pessoa vaidosa ou metida.	Significa entorpecimento ou estupor.	Grego (via latim)

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 19 - Música Cossa (Preto Show, part. Godzilla do Game e Dj Barata)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Cossa	Algo, negócio, coisa; usado para referir-se a algo de forma genérica e coloquial.	É um fenômeno linguístico comum em várias variedades do português, onde o ditongo “oi” é simplificado para o “o”.	Português (variação de coisa).
Rebenta	Pode significar arrasar, bombar, começar forte em contexto musical ou de festa.	Significa fazer algo com grande sucesso, arrasar, ser melhor.	Português (verbo rebentar)
Coro tá vir	“O grupo está chegando” ou “o time está vindo”; expressa movimentação coletiva, energia de grupo.	Esta é uma expressão que mostra a influência gramatical das línguas locais. Em português padrão, diríamos “acalme-se!”.	Português + estrutura bantu

Bungle banguê	Expressão típica angolana relacionada a um estilo ou movimento, pode ser traduzida como “bagunça” ou “balbúrdia”.	Esta é uma expressão que imita um som de queda, batida ou algo que se desfaz.	Onomatopeia/criação local
Hema	Forma de chamar amigo, irmão ou colega, expressão de proximidade.	É um termo carinhoso e respeitoso para se referir à própria mãe ou a uma senhora mais velha, de forma análoga a “mainha ou mãezinha” no Brasil.	Quimbundo
Eu vou te acudir	“Eu vou te ajudar”, expressão de apoio, solidariedade.	Significa socorrer, ajudar em uma emergência, atender a um chamado.	Português

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 20 - Música Sabaló (Própria Lixa)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Queta	Pode significar festa, celebração, ambiente animado.	Vem da palavra “Kieta” que significa cabra ou cabrito.	Umbundo
Cassete	Pode se referir a algo antigo ou tradicional culturalmente.	A palavra se originou do nome da fita de áudio, muito popular nas décadas de 70 e 80. Como gíria, ela assumiu vários significados, todos ligados à ideia de “algo errado, problema”.	Do objeto fita cassete.
Rafeiras	Gíria para mulheres, às vezes com conotação de duronas ou rebeldes.	No Brasil, o significado se manteve muito forte, referindo-se a cachorro sem raça definido.	Quimbundo

Diguindadas	Estar animado, empolgado ou desinibido.	No Brasil, diguindadas manteve esse sentido, significando trabalhos ou serviços eventuais e mal remunerados.	Yorubá
Matumbo	Barriga	No Brasil, a palavra foi adotada para se referir especificamente às tripas de porco ou outros animais.	Quimbundo.
Makongo	Pode significar dinheiro ou forte, dependendo do contexto local.	Referir-se a um tipo específico de inhame ou cará.	Quicongo
Uó	Expressão de ênfase, similar a “uau ou oxente!”.	É uma interjeição que expressa nojo, repulsa, desgosto.	Criação fonética brasileira.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 21 - Música Agora acredita no maluco? (Príncipe Ouro Negro)

Léxico do Português Angolano	Significado no Português Angolano	Explicação no Português Brasileiro	Origem da Palavra
Malusco	Pessoa estranha ou diferente, alguém meio excêntrico ou com comportamento pouco comum.	Significa “muito losco”, de aspecto muito suspeito ou sinistro. É uma palavra considerada rara e de tom mais literário.	Italiano
Losco	Pessoa suspeita, pode significar alguém esperto ou marginalizado.	Mantém esse sentido de alguém olhar desconfiado, falso, ou de aspecto sinistro.	Italiano
Ngapa	Pode se referir a pessoa despreparada, ignorante ou tola.	É uma gíria brasileira que surgiu no universo do funk carioca e se popularizou nacionalmente. É uma onomatopeia que imita o som de uma arma de fogo.	Gíria brasileira (funk)

Paranoico	Pessoa desconfiada, que desconfia de tudo ao redor.	É um transtorno mental caracterizado por delírios de perseguição ou grandeza.	Grego
Kudurista	Pessoa que pratica kuduro, estilo de dança e música.	Alguém que foge, que se evade.	Quimbundo
Papoite	Pode se referir a um tipo de festa, evento ou grupo relacionado à cultura local.	Conversa fiada	Angolana

Fonte: elaborado pela autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O léxico é face mais evidente da língua. É pelo uso das palavras e dos significados por elas apresentadas que identificamos a origem do falante. O idioleto apresenta marcas bem peculiares e marcam a identidade. Por exemplo, a palavra *cumbú* para se referir ao “dinheiro” só pode ser identificada na variedade angolana. A palavra “aipim” que significa “tipo de mandioca” no Brasil pode ser identificada na variedade brasileira do português.

O presente estudo permitiu analisar e compreender as variações léxico-semânticas do português angolano refletidas nas letras das músicas de kuduro produzidas entre 2010 e 2024, confirmando a importância desse gênero musical como um veículo poderoso de expressão cultural e linguística em Angola. A partir da análise das 20 letras de músicas de kuduro selecionadas, foi possível mapear um amplo repertório de angolanismos, neologismos, empréstimos e adaptações linguísticas para explicar a criatividade lexical da comunidade angolana e evidenciam a dinâmica sociolinguística em constante transformação.

A pesquisa confirmou as hipóteses iniciais ao demonstrar que o kuduro não é apenas uma expressão de entretenimento, mas um espaço vital para a consolidação e divulgação do português angolano vernacular, marcado por elementos próprios da identidade sociocultural local. As expressões e termos presentes nas músicas representam não somente referências linguísticas, mas também aspectos sociais, econômicos e culturais que permeiam a vida dos jovens e comunidades angolanas, especialmente nas áreas urbanas. Além disso, o kuduro atua como um instrumento de resistência cultural e afirmativa identitária, especialmente diante das pressões de normatização e preconceito linguístico que marginalizam variedades não hegemônicas da língua portuguesa. A análise lexical revelou uma variedade significativa de marcas que fundamentam o português angolano como uma variedade legítima, produtora de sentidos próprios, que transcendem o padrão formal e oficial.

Os empréstimos das línguas nacionais entre elas bantu, kimbundo, Umbundo e kikongo, bem como a criação de neologismos, demonstram a riqueza da interação linguística e cultural em Angola. Termos como “Kibexa”, “tou arrasaré”, “pipo”, “bwé de boca” e muitos outros, encontrados nas letras, reforçam essa identidade autêntica, que dialoga com a realidade vivida pelos falantes. Essa variedade, apesar de por vezes ser vista como desvio, deve ser compreendida como um fenômeno legítimo e coerente com o contexto social, reflexo dos processos de contato, negociação e diferença cultural. Outro ponto central destacado nas músicas de kuduro é a musicalidade e o poder performático da linguagem, que possibilita a circulação social desses angolanismos entre os jovens, ampliando sua disseminação e aceitação,

tanto em Angola como em outros países lusófonos, sobretudo no Brasil e Portugal, onde o gênero também se adaptou e se reinventou.

O kuduro, por meio de sua oralidade, ritmo e construção fragmentada, aproxima-se da tradição cultural angolana que privilegia essa forma de transmissão verbal e improvisada, consolidando-se como uma expressão viva da cultura popular. A relação entre a linguagem das músicas e os processos sociais urbanos evidenciados pela pesquisa é profunda. Por fim, o trabalho reforça a importância da valorização das variedades linguísticas locais e do combate ao preconceito linguístico, tema fundamental para a inclusão e o reconhecimento das diversas identidades culturais presentes em Angola. O kuduro e o português angolano, em especial sua variação léxico-semântica, representam uma construção identitária legítima, que deve ser estudada, valorizada e preservada como patrimônio imaterial, reafirmando a conexão profunda entre língua, cultura e sociedade.

Quando afirmamos que é necessário a criação de dicionário da variedade angolana de português visamos permitir autonomia linguística dos angolanos. Os dicionários do Brasil e de Portugal não conseguem representar a realidade angolana. Há que investir na produção de dicionários que possam atender essas realidades sociolinguísticas. A tarefa de criar esse cabe aos angolanos e aos pesquisadores da variedade local. Seria importante que as letras das músicas fizessem parte dos *corpora* a ser utilizados na produção desses dicionários. A criação de um dicionário da variedade local não constitui algo extraordinário, porém importante e útil para que os consulentes não se frustrem. A sugestão do dicionário ajudaria bastante aos alunos de todos os níveis de ensino porque teriam por onde consultar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologia: a criação lexical na língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ALVES, Ieda Maria; JESUS, Ana Maria Ribeiro de (Org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas: volume V**. São Paulo: FFLCH/USP, 2015. Disponível em: https://termneo.fflch.usp.br/sites/termneo.fflch.usp.br/files/u219/Livro%20V_0.pdf Acesso em: 11 abr. 2025.
- ANGOLA. **Constituição da República Angolana**, Luanda, 2010.
- BAGNO, Marcos; MORAIS, Antônio. **Preconceito Linguísticos: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BÉRTOLI, Tamires. **Estudos do léxico: aportes teóricos para o ensino de língua portuguesa**. In: MARCOLINO, Janete et al. (org.). **Estudos do léxico: aportes teóricos para o ensino de língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico: uma abordagem cognitiva**. São Paulo: Ática, 1996.
- BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- CONSTITUINTE, Assembleia. Constituição da república de Angola. **Consultado a**, v. 11, p. 265-286, 2010.
- CORREIA, Margarida; ALMEIDA, Galdis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editoria, 2012.
- CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. **Encontro Baiano de Cultura**, v. 1, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARTINS, Carlos. **Língua e identidade em Angola**. Luanda: Editora Acadêmica, 2018.
- MARTINS, Marlene; MARTINS, Roberto. O léxico do português em estudo na sala de aula. In: MARCOLINO, Janete et al. (org.). **Estudos do léxico: o português em foco na escola**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

MARCON, Frank. **O kuduro Práticas e Ressignificação da Música: Cultura e política entre Angola, Brasil e Portugal**-v.18 pp. 1-21, 2013.

MARCON, Frank. Santos, Ely Daisy De Jesus – **Música de Festas Expressões e Sentidos na Cidade de Salvador**, p.1-21, 2017.

MOORMAN, Marissa. *Intonations: A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times*. Athens: Ohio University Press, 2008.

NAUEGE, João Muteteca; TIMBANE, Alexandre António. Situação sociolinguística de angola no século XXI: Convivência e Interferências entre o Português e as Línguas Africanas. In: UNDOLO, Márcio; TIMBANE, Alexandre António; KIMUENHO, Gaudêncio (Org.). **Português de Angola: fonologia, sintaxe e lexicografia**. Belém: Home, 2023. p.20-39.

NDOMBELE, Eduardo David. **Gestão de multilinguismo em angola: reflexão sobre o ensino de línguas angolanas de origem bantu na província do Uíge**. Verbum: Cadernos de Pós-Graduação. Vol.6, n.1., p. 33-44, jan.2017.

NDOMBELE, Eduardo David; TIMBANE, Alexandre António. **O ensino de língua portuguesa em angola: reflexões metodológicas em contexto multilíngue**. fólio Revista de Letras, v. 12, n. 1, 2020.

PARDUE, Derek. Kuduro, techno, and the diáspora: Music and identity in the Portuguese-speaking world. *Ethnomusicology*, v.59, n. 3, p. 403-425, 2015

SILVA, Maria Fernanda. **Contato linguístico e inovação lexical no português africano**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Rosemary Francisca Neves. **Música: a expressão cultural de um povo**. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 28, n. 4, p. 459-460, 2018.

SOUSA, João. **A diversidade do português no mundo: o caso angolano**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015.

TOMÁS, Ricardo. “Kuduro: Música e dança como expressão cultural angolana”. *Revista de Estudos Africanos*, v.7, p. 45-62, 2013.

ZAVAGLIA, Ana Carolina Costa. **Léxico e vocabulário: distinções necessárias**. In: VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo (org.). *Introdução aos estudos do léxico*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012. p. 93–102.